



3 1761 07039598 3

Castro, Eugenio de  
O cavaleiro das maos  
irresistiveis

PQ  
9261  
C4C3






O CAVALEIRO  
DAS  
MÃOS IRRESISTIVEIS

CONTO EM VERSO

POR  
EUGENIO DE CASTRO





Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto

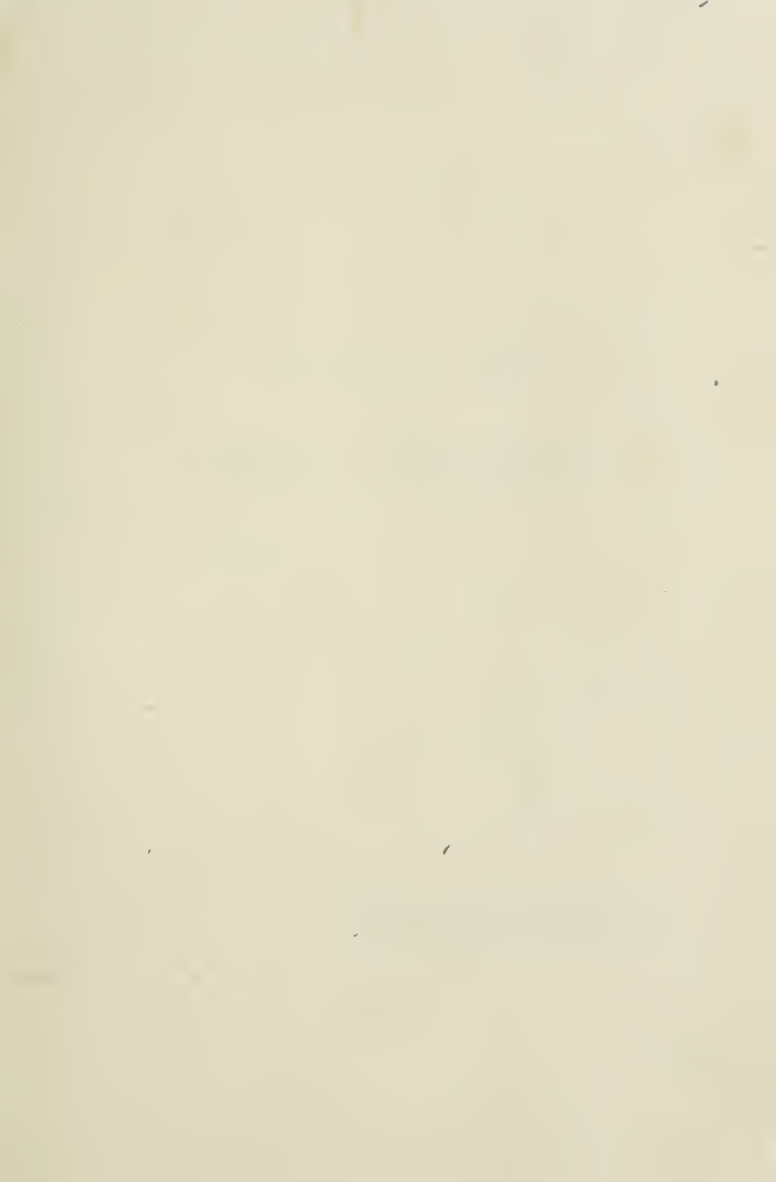












## OBRAS DE EUGENIO DE CASTRO

*ChrySTALLISAÇÕES da Morte*, 1884.

*Canções d'Abril*, 1884.

*Jesus de Nazareth*, 1885.

*Per umbram*, 1887.

*Horas tristes*, 1888.

*Oaristos*, 1.ª edição, 1890; 2.ª edição, 1900.

*Horas*, 1.ª edição, 1891; 2.ª edição, 1912.

*Silva*, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1911.

*Interlunio*, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1911.

*Belkiss*, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1910.

*Tiresias*, 1895.

*Sagramor*, 1895.

*Salomé e outros poemas*, 1.ª edição, 1896; 2.ª edição, 1911.

*A Nereide de Harlem*, 1896.

*O Rei Galaor*, 1897.

*Saudades do Céu*, 1899.

*Constança*, 1900.

*Depois da ceifa*, 1901.

*Poesias escolhidas*, 1902.

*O melhor retrato de João de Deus*, 1905.

*A Sombra do Quadrante*, 1906.

*O Anel de Polycrates*, 1907.

*A Fonte do Satyro e outros poemas*, 1908.

*Poesias de Goethe*, 1909.

*O Filho Prodigio*, 1910.

*Notícia historica e descriptiva dos principaes objectos de ourivesaria existentes no Thesouro da Se de Coimbra* (de collaboração com A. A. Gonçalves), 1911.

*Guta de Coimbra*, 1916.

*O Cavaleiro das mãos irresistiveis*, 1916.

O CAVALEIRO  
DAS  
MÃOS IRRESISTIVEIS

CONTO EM VERSO

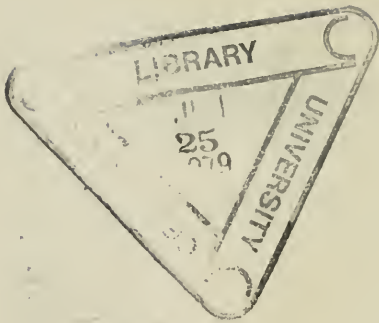
POR

EUGENIO DE CASTRO

*COIMBRA*

F. FRANÇA AMADO, EDITOR

• 1916



PO  
9261  
C4C3

*Desta edição fez-se uma tiragem especial  
de seis exemplares em papel Whatman,  
numerados e rubricados pelo autor.*





AO GRANDE ESTATUARIO

ANTONIO TEIXEIRA LOPES





«... las hermosas manos del Conde Don Garci Fernandez, conquistavan la inclinacion de todas las mugeres, por lo qual las encubria aquel Principe quando se las podiam ver personas de su atencion.»

D. LUIZ DE SALAZAR Y CASTRO,  
*Historia de la Casa de Lara*, t. 1,  
pag. 32.



Dia de Santa Clara.

Na janela

Já as frinchas se azulam como veias,  
Quando Dom Sancho Sánchez de Moscoso,  
Depois dum sono regalado, acorda  
Ao cristalino repicar dos sinos,  
Que tilintam na tôrre do mosteiro  
Onde, entre cirios, orações e rosas,  
As cinzas dormem da Rainha Santa.

Defronte, em Coimbra, os sinos da cidade  
Associam-se á festa : uns galreando  
Como creanças num jardim em maio ;  
Outros, de ansioso, de saudoso timbre,  
Desatando-se em místicos adeuses,  
Em despedidas para a eternidade ;  
Outros, em Santa Cruz, cantando glória ;  
E mais em cima, dominando-os todos,  
Como um aviso ás almas tresmalhadas,  
Os da Sé, retumbando com ameaças  
E rouquidões de temporal distante . . .

Tão doce despertar e tão alegre  
Não o tinha Dom Sancho desde a hora  
Em que um fatal desastre aos pés da morte  
O arremessára.

Desta feita, o moço  
Acordava sem dor's, antes sentindo  
Um bem-estar delicioso . . .

Espreguiçou-se  
Com a prudência dos estropiados,

E a cada movimento ia notando  
Que voltava ao que fôra, que de novo  
Podia abrir os braços livremente,  
As pernas esticar, mexer o tronco,  
Sem já sentir uma ligeira sombra  
Das guinadas crueis que longo tempo  
O tinham consumido nesse leito,  
Arrancando-lhe gritos aflitivos  
E encharcando-lhe as fontes com suores ...

Renascia. Quebrava-o inda, é certo,  
Esse torpor que na convalescença,  
Quebrando o corpo, quebra os maus desejos,  
Em troca suscitando honestas ánsias  
De calmos dias, de leais affectos ;  
Sentia ainda os olhos fatigados  
De tanto haverem procurado embalde  
Uma estrêla nas trevas da agonia ;  
Mas ao contrário das manhãs passadas,  
Em que, rendido, desejava apenas  
Dormir, dormir indefinidamente  
Na abafada penumbra dessa alcova,

O que elle agora, inquieto, apetecia  
Era a luz d'ouro e o ar livre, de diamante.

Das nebrinas rosadas do futuro,  
Lindo cantar chegava aos seus ouvidos,  
Penugento cantar d'alma sereia,  
Anunciando em notas, que eram mimos,  
As doçuras dum próximo noivado ;  
E Sancho, embevecido, adormecendo  
Desse canto no berço flexuoso,  
Cerrava os olhos deliciadamente,  
E deliciadamente via ao longe  
De Beatriz a virginal figura  
Deslisando graciosa entre açucenas,  
Ao cristalino repicar dos sinos . . .

## II

Pouco mais tinha Sancho de vinte annos.

Órfão de pai quando contava doze,  
Com sua austera mãe se recolhera  
A um severo palácio em Tordesilhas,  
E ahi vivera como bom fidalgo  
Em descuidosa mas honesta estúrdia,  
Cavalgando, monteando e namorando,  
Até que um dia, aos incessantes rógos  
Dum primo seu, D. Pedro de Mendanha,  
Brioso alcaide-mór de Castro-Nunho,  
Do lusitano rei seguindo as partes,

Na guerra se meteu, quase fraterna,  
Que em Tóro veio a ter incerto fecho.

Finda a batalha, achou mimoso exílio  
Em Barcelos, nas margens nemorosas  
Do Cávado sereno, cujas aguas  
A cada instante augmentam engrossadas  
Pelas saudosas lagrimas que verte  
Deixando a cada passo um encanto novo.  
Soube elle aí que os bens que possuia  
Em Castela, lhos tinham confiscado  
Os católicos reis. Vendo-se pobre,  
Ele, que dias antes poderia  
Aos alqueires medir o oiro e a prata ;  
Vendo-se aí sem lar, tendo possuido  
Soberbos paços de ameadas torres,  
Onde talvez ainda, nessa hora,  
Se visse trapejar ao vento morno  
A bandeira co'as armas dos Moscosos ;  
Vendo-se aí sem pão, tendo deixado  
As suas tulhas cheias, que podiam  
Á farta sustentar por mais dum ano



Uma província inteira ; então lembrou-se  
De uma tença pedir a Afonso Quinto,  
E com essa intenção pôs-se a caminho  
De Santarém, onde poisava a côrte.

Passando em Coimbra, com surpresa alegre,  
Lá encontrou patrícios e parentes,  
Exilados também, que o receberam  
Como um querido irmão resuscitado.  
Sancho levava pressa, impaciente  
De alcançar bom despacho ao seu pedido ;  
Mas tão felizes, tão risonhas horas  
Saboreou ali, em cavalgadas,  
Banquetes e serões, que a breve trecho,  
Mandando ao demo tenças e negócios,  
Resolveu demorar-se uns tantos dias  
E arranchar com os mais numa caçada  
Aos javalis, caçada de fidalgos  
De que era promotor activo e guapo  
Um certo Ruy de Sá, dos Sás illustres,  
Tão destros em terçar guerreiras armas  
Como habeis em compor sonoros versos.

Deviam ser uns vinte os cavaleiros,  
Que em luminoso amanhecer de julho  
Sairam da cidade a trote largo.  
Atravessada a ponte, para a esquerda  
Tomaram com marcial desinvoltura,  
E já da Esp'rança o monte iam subindo  
Quando o vivo morzelo de Dom Sancho,  
Retrocedendo num galão abrupto,  
Rompeu, desenfreado, em correr doido.

Era Sancho um acabado cavaleiro,  
Mas nesta ocasião fatal, de nada  
As equestres manhas lhe serviram :  
Chapou-se-lhe o cavalo, e o pobre moço  
Violentissimamente ei-lo cuspido  
Sobre os brutos calhaus duma pedreira,  
Onde os amigos foram encontrá-lo  
Exánime, no chão, com um pé estroncado,  
Co'as mãos escalavradas e co'a fronte  
Amassada, a sangrar por duas gaivas.

## III

Perto dali ficava a nobre casa  
De Dom Guterre Lopes que, apiedado  
Por tal desgraça, recolheu o f'rido  
E o ajudou a deitar na própria cama,  
Enquanto a creadagem, de corrida,  
Abalava á procura de Heitor Pires,  
Ervanário, carcunda e feiticeiro,  
E que além disso, entre Mondego e Douro,  
Tinha fama de ser o mais sabido  
Algebrista da terra portugêsa.

.....

Quando os sentidos recobrou Dom Sancho,  
Já o grotesco Heitor se fôra embora  
Depois de lhe encanar o pé dorido  
E de lhe haver bandado subtilmente  
Cabeça e mãos com alvas ligaduras.  
De branco mascarado, do seu rosto  
Só os olhos se viam, olhos negros,  
Pasmados e febris, quais os do infante  
Que exposto foi numa azinhaga á noite,  
E que ao luzir da estrella d'alva chora  
Sem consciencia da dôr que o mortifica ;  
Só seus olhos se viam e seus lábios  
Repuxados num ricto doloroso  
Que descobria a cintilante alvura  
Dos seus dentes magníficos, de lobo.

— « *Onde estou eu ?* » disse ele, percorrendo  
Do tecto, com a vista, as grossas traves,  
E as paredes forradas de precioso  
Guadamecil, cujos lavor's metálicos  
Vivamente brilhavam na penumbra  
Tépida e aveludada do aposento.

Sobre um solene escaño de carvalho,  
De ferro chapeado, qual se fôra  
Porta de cubiçada fortaleza,  
Uns calções, um pelote esfarrapado,  
E um tabardo poeirento, todos cheios  
De sangue coagulado, rediziam  
Da desastrosa quéda a violência.

— « *Onde estou eu ?* »

Torcendo-se com dores,

A máscara voltou e viu ao lado,  
Ao pé de si, um velho cabeludo  
De gigantesco mas risonho aspecto,  
Imóvel e vestido gravemente  
Com golpeado gibão de setim preto,  
Sobre o qual faiscava uma cadeia  
De fuzis cravejados de esmeraldas.  
Era o bom Dom Guterre, o nobre alcaide  
De tres fortes castelos e abastado  
Senhor de quatro vilas portugêsas,  
Do conselho d'el-rei e pertencente  
Á veneranda estirpe de Azevedos.

— « *Como estaes ?* » diz a medo Dom Guterre.

— « *Morro, morro de sêde !* » volve Sancho.

Duma credência, toma o ancião hirsuto  
Um jarro castelhano d'alva prata,  
Bem lavrado a cinzel, e enche uma copa  
Que o doente febril bebe dum trago.

— « *Mais ! Por piedade, mais !* »

E esvaziada

Segunda copa, o moço os olhos cerra,  
Deliciado momentaneamente.  
Mas as dores recrescem de tal geito  
Que, embora sofredor, o pobre Sancho  
Já não tem mão em si que não prorompa  
Em altos gritos de animal trilhado.

Tres longuissimas noites e tres dias  
Deslisaram morosos como lesmas,

Sem que a tanto sofrer chegasse alívio.  
E só depois, já quando se esgotava  
Do suspeito ervanário o misterioso  
Repertório de emplastros e de unguentos,  
É que Sancho cobrou tenues melhoras,  
E conheceu a extrema caridade  
Dessa nobre família que o acolhera  
Como a dilecto filho ha muito ausente.

Secundando o fervor de Dom Guterre  
No empenho de abrandar as dor's de Sancho,  
Que eram dor's de ferido e expatriado,  
Com materna piedade, ao pé do leito,  
Docemente velavam, noite e dia,  
Do bom fidalgo a majestosa esposa,  
Dona Mór de Menezes, sua filha,  
A suave Beatriz, e uma parenta,  
Dona Yseu de Aboim, velha senhora  
Que, tendo enviuvado e sendo pobre,  
Naquelle paço generoso entrára  
Onde as portas do céu abria a todos  
Confeccionando celestiais compotas  
E angélicas, translúcidas gelêas.

Dia sim, dia não, era infalível  
Um irmão de Dom Guterre, o rubicundo  
Dom Bento da Santissima Trindade,  
Frade crúzio e varão de grandes letras,  
Tão grande canonista como exímio  
Cultor da genealógica ciência.

Quando ás eternas noites desveladas  
Outras, mais bem dormidas, sucederam,  
E a estas, mansos, aliviados dias,  
De Sancho o quarto enorme transformou-se  
Em locutório amavel da família.  
De lá não se arredava um só instante  
O hercúleo Dom Guterre, e as tres senhoras  
Lá se acolhiam do calôr da sésta,  
Conversando, bordando e preparando  
Os fios com que Heitor pensava o doente.

Era o bom Dom Guterre tão brilhante  
Conversador como na mocidade  
Bravo guerreiro fôra ; e assim, no intuito  
De arejar a loquela e ao mesmo tempo



De distrair o hospede, contou-lhe  
Em breve prazo toda a sua vida,  
Longa epopêa de façanhas altas  
Com sangue moço e generoso escritas  
Na Alfarrobeira e na caiada Ceuta ;  
Epopêa marcial, entrecortada  
De episódios d'amor que Sancho ouvia  
Com int'resse infantil, pref'rindo a todos  
Aquelle em que o fidalgo lhe pintava  
Certa escrava d'Arzila, esbelta e lânguida,  
Dançando á tarde religiosas danças,  
Ao som do adufe que rufava um moiro,  
Junto duma cisterna, entre palmeiras.

Depois de ouvir, chegou a vez a Sancho  
De dar conta de si : sendo tão novo,  
Pouco tinha a dizer, mas esse pouco  
Bastou para que o crúzio descobrisse  
Que era com Dom Guterre quarto primo  
Do joven castelhano.

Nessa noite,  
Com que ajoelhada adoração e enlêvo,

Com que ternura Sancho ouviu a loira  
E láctea Beatriz sair da alcôva  
Dizendo afavel : — « *Boas noites, primo !* »

## IV

Passou-se isto na véspera do alegre  
Dia de Santa Clara. O moço amante  
Pensando em Beatriz cerrou os olhos,  
Dormiu com a inocência dum menino,  
Vendo-a constantemente nos seus sonhos,  
E a pensar nella despertou ditoso  
Ao cristalino repicar dos sinos.

Amava-a? Sim. Humilde e fortemente  
A amava, embora mal a conhecesse . . .

Mal lhe tinha falado um dia ou outro,  
Mas a sua lindeza era tão pura,  
A sua voz tão cheia de amavios  
E os seus amaviosos olhos verdes  
Tão enluarados de candura e sonho,  
Que tudo nella revelava logo  
Um desses raros seres que, exilados  
No mundo, vivem conhecendo apenas  
Ánsias de perfeição e de beleza.  
P'ra adivinhar os lúcidos tesoiros  
De amor e mansidão que ella possuia,  
Não precisara Sancho de falar-lhe,  
De espreitar, deslumbrado, a sua alma,  
De sondar seus mais íntimos desejos :  
Bastára-lhe só vê-la aérea e branca,  
Sempre alheada e loira qual se fôra  
Um anjo anunciador d'olhos aquáticos  
Passando ao luar, numa missão divina.

Nunca Sancho sentira o que sentia.  
Era mais do que amor, era uma alta  
E funda adoração extasiada,  
Um quase mêdo de a possuir um dia,

Como se fosse um sacrilégio tê-la,  
E um desejo infinito, uma ánsia doida  
De sofrer toda a casta de martírios  
Só p'ra alcançar o saboroso prémio  
De oscular castamente, de joêlhos,  
Dos seus chapins de lhama a aguda ponta.

Assim pensava Sancho na penumbra  
Da sua alcova, ao repicar dos sinos,  
Quando viu, no rectângulo doirado  
Da porta que se abrira de repente,  
Recortada a figura de Anna Mósca,  
Ama de Beatriz.

— « *Como estaes hoje?* »

Diz a boa molher, no quarto entrando.

— « *Deus te pague o cuidado!* » volve Sancho :

« *Ainda que eu de rojo vos seguisse,*

« *A ti e aos teus senhor's, a vida inteira,*

« *Nem metade da divida pagára*

« *Que vos devo...*

« *Tão bem passei a noite*

« *E sinto-me tão bem agora mesmo,  
Que já comigo concertei ha pouco  
« Desta cama sair daqui a um instante. »*

— « *Louvado seja Deus ! »* atalha a serva :  
« *Grande boda, vereis, farão meus amos  
« Festejando com gôsto essas melhoras...  
« Todos vos querem nesta casa...*

— « *Todos ? »*

Pergunta Sancho. « *Todos ? E até mesmo  
« Beatriz ? »*

— « *E porque não ? Santa acabada,  
« É um saquinho d'amor a sua alma,  
« Saquinho aberto para toda a gente... »*

— « *E que eu quisera só p'ra mim aberto ! »*  
Diz Sancho lá consigo... E continúa :  
— « *Ólha, falemos dela... Acho-a tão triste,  
« Tão fôra de si mesmo, que parece  
« Que traz a alma inocente noutro mundo... »*

— « *Tem-na no céu* », diz Ana ; « *todos sabem,*  
« *Senhor Dom Sancho, que ela quer ser freira,*  
« *Meter-se em Santa Clara . . . E lá estaria*  
« *Ha muitos meses já, se o pai choroso*  
« *Lhe não pedisse, quase de joelhos,*  
« *Que o não deixasse enquanto fosse vivo,*  
« *Que não partisse sem fechar-lhe os olhos . . . »*

Ouvindo tal e ouvindo ao mesmo tempo  
O cristalino repicar dos sinos  
Que em Santa Clara, na morena torre,  
Chamando os fieis, anunciavam rindo  
Místicos gózos, hálitos de incenso,  
Doces eflúvios de esmaiadas rosas,  
Suspíros d'orgão, d'embriagar fragedos,  
Doces palpitações de círios alvos  
Reflectidas no oiro das casúlas  
E nas mansas safiras da custódia ;  
Ouvindo tal, parecia-lhe, a Dom Sancho,  
Que na sua cabeça desvairada  
Ruía, aos golpes de cem catapultas,  
Uma cidade imensa de cem portas !

Ana Mósca partira . . .

O cavaleiro,  
Rendido por cruel abatimento,  
Longo espaço ficou cismando triste  
Na prematúra ruína dos seus sonhos . . .

— « *Ter Deus como rival !* » dizia Sancho,  
Cheio de íntima dor . . . « *Deus inclemente,*  
« *Se para Esposa a tinhas elegido,*  
« *Porque é que tão formosa m'a mostraste ?*  
« *Porque não morri eu antes de vê-la ?* »

Mas de repente, em revoltado assomo,  
Sobrepondo ao desánimo do amante  
O audacioso brio do soldado,  
A si mesmo se ánima e se encoraja,  
Arquitectando traças engenhosas  
De conquistar, soberbo, a torre ebúrnea  
Dentro da qual Beatriz se recolhera.  
Enterrando-se viva num mosteiro,  
Sacrificando os seus cabelos d'oiro,  
Deixando o mundo, o que buscava ela ?

— Aproximar-se da divina gloria ;  
Mas o amor, o amor forte e verdadeiro  
Tambem conduz a Deus ( pensava Sancho ) ;  
O amor verdadeiro é uma sagrada  
Comunhão de bondade e de beleza,  
E aos ouvidos de Deus, sorvido e dado  
Num sublime delírio de ternura,  
Um longo beijo é uma oração fremente,  
Uma ante-visão da glória eterna.

Não, não queria Sancho desviá-la,  
Á sua amada, do bom Deus piedoso,  
Mas só que ela mudasse de caminho  
Para ascender á Bemaventurança ;  
Que o aceitasse como companheiro  
Nessa radiosa, mística viagem  
Que os dois fariam, trémulos, seguindo  
Por doce estrada de clarões e aromas,  
Coroados de flor's, rezando beijos,  
E erguendo á noite, como grandes fachos,  
Nas próprias mãos os corações ardentes.



## V

Nessa manhã, depois do curativo,  
A rôgo seu, foi Sancho transportado  
Para uma sombra do jardim . . . Sentaram-no,  
Entre coxins, num cadeirão de espaldas,  
E aí lhe foi servido um lauto almoço  
Cujas finas vitualhas rescendiam,  
Tentando mortos, em sonoras pratas.  
Dom Guterre abancára ao pé de Sancho,  
E comia também, falando sempre . . .

Sobre a mesa corria uma latada  
Toda folhuda, donde a luz descia,

Sedosa e mansa, como a dum santuário ;  
E quando a viração morna e indolente  
Prepassava entre os pâmpanos espessos,  
No chão, a sombra azul, toda ocelada  
D'oiro, como um pavão armado, tinha  
Frémitos lentos e macios d'agua . . .  
Do Mondego nos choupos, as cigarras,  
Nos olivaeas, as rôlas gemebundas,  
E sobre as alfazemas perfumadas  
As doiradas abelhas sussurrantes,  
Celebravam em côro a calma adusta . . .  
Mas refrescando o ar, ali bem perto,  
Uma fonte cantava, antiga fonte,  
Aonde um São Miguel, de lança em riste,  
Dominava um Diabo monstruoso  
Cuja limosa bôca vomitava  
Uma espadana d'aguá diamantina

— « Ah ! como é bom viver ! . . . e quanto eu dêra  
« Para ter neste instante a vossa idade ! »

Disse o velho, enxugando o seu bigode  
Que uma golada de espumoso vinho  
De rubis orvalhára, e saboreando

O almoço e o dia com igual deleite . . .

— « *O peor . . . o peor é eu estar tão ruço . . .* »

Continuou ele com melancholia :

« *Amigo, é para vós que está a vida !* »

Dizendo isto, o bom e nobre velho  
Olhava fixamente para Sancho  
Cujo rosto, já sem as ligaduras,  
Todo resplandecia de beleza,  
Uma beleza insinuante e máscula  
De procónsul romano, moço e forte.

Fitando Sancho demoradamente,  
Reparando no córte imperioso  
Daquela bôca fresca e voluptuosa  
Que dizia o desejo impaciente  
De saborear da vida os frutos todos ;  
Reparando no brilho dêsses olhos  
Cheios de entusiasmo e de ousadía,  
Uma esp'rança afagava Dom Guterre :  
A esp'rança de que, em breve, sua filha,  
Ao ver Sancho afinal desmascarado,

Docemente vencida p'lo prestigio  
De tão bela e radiosa mocidade,  
Esqueceria os místicos projectos  
Que, endoidecendo-a com subtis promessas,  
Iam tramando o fim duma familia  
Das mais ricas do reino e mais gloriosas.

Foi animado dessa rósea esp'rança  
Que ele dali se foi, tanto que ao longe  
Viu assomar a filha.

Regressando

De Santa Clara, a moça caminhava  
Branca e toda de branco, com uma túnica  
Tão desataviada e tão modesta  
Que mais par'cia um hábito de monja  
Do que vestido de donzela nobre.  
De precioso só nas mãos trazia  
Umhas pesadas contas d'ámbar pálido  
Donde pendia um crucifixo d'oiro.

Estremeceu, ao vê-la, o cavaleiro  
E ocultou vivamente no tabardo

Suas mãos entapadas, não fosse ela  
Com aqueles trambolhos desgostar-se.  
Mas a flúida Beatriz vinha tão longe  
Dos homens e da vida, que sómente  
O viu quando ao pé dele era chegada.  
Como ave assustadiça, divisando  
Pela primeira vez tão belo rosto,  
Pára, corando, hesita, e só tem fôrça  
Para dizer com voz sumida e trémula :  
— « Ah ! ... como estais ? »

— « Melhor, infelizmente... »

Diz o moço. E Beatriz, ingénua, volve :

— « Infelizmente ? »

— « Infelizmente, é certo,

Exclama Sancho com sincera angústia,  
« Infelizmente, porque, enfim curado,  
« Sairei daqui e deixarei de ver-vos ! »

Uma onda de pudor soergue os seios  
Da tímida Beatriz, tinge de rosa  
Suas pálidas faces e mareja  
De lágrimas rogais seus olhos verdes...

— « *Ofendi-vos, bem vejo . . . Perdoae-me !*  
Dizia o cavaleiro humildemente . . .

« *Perdoai-me, Beatriz . . . Não vos mereço.*  
« *Às estrelas não chega a voz dos sapos . . . »*

De olhos no chão, Beatriz petrificada  
Era uma estátua ali. Penhor's de vida,  
Só se lhe viam no arquejar do peito  
E nas brilhantes, silenciosas lágrimas,  
Que lhe corriam copiosamente  
Das transparentes pálpebras descidas . . .

— « *Perdoai-me, Beatriz !* » tornava Sancho.

Chorando, nada a moça respondia.  
De súbito, porém, limpando os olhos  
E animada por essa misteriosa  
Fôrça com que a fé viva vigoriza

Os ser's mais débeis nos mais rudes lances,  
Ei-la que diz com singular firmeza :  
— « *Meu muito amado irmão em Jesus-Christo,*  
« *De joelhos vos peço e vos suplico*  
« *Que em mim vejais apenas uma escrava*  
« *Do alto Deus a quem fiz solemnes votos ! »*

E afastou-se, osculando as contas d'ámbar . . .

## VI

Pouco depois, num abafado dia  
De suão abrasador, roncava o ilustre  
Dom Guterre, dormindo a sua sésta,  
Quando acordado foi p'la voz do obeso  
Dom Bento da Santissima Trindade.

— « *A pé! A pé!* dizia o crúzio. *Erguei-vos*  
« *E abri esses ouvidos bem abertos,*  
« *Que vos trago uma nova de importância!* »

O fidalgo sentou-se então na cama,  
Os olhos esfregou, espreguiçou-se,  
Tres vezes bocejou e, finalmente,  
Como quem salta, contrariado, a um tanque,  
Em fralda, para o chão pulou num pulo  
Que fez estremecer a casa toda.

Numa vasta cadeira espapaçado  
E enchugando o cachaço d'elephante  
Onde o suor brilhava em camarinhas,  
Dom Bento, quando viu o irmão vestido,  
Co'a fôfa e guedelhuda mão puxou-o  
Pela golpeada manga do pelote,  
E gravemente disse-lhe em voz baixa :  
— « *Esse primo Dom Sancho, é necessário*  
« *Pô-lo a andar quanto antes desta casa!* »



Abrindo a bôca num bocejo novo,  
Dom Guterre os seus olhos arregála  
Sem nada perceber.

Então o crúzio

Elucida-o :

— « *Sabeis como Dom Sancho*

- « *Ha dias me falou de seus maiores,*
- « *E como do que ouvi deduzi logo*
- « *O parentesco que com ele temos ;*
- « *Mas o que não sabeis, nem eu sabia,*
- « *É que esse moço, por seu pai, descende*
- « *Do celebrado e voluptuoso conde*
- « *Dom Garcia Fernández, alto príncipe*
- « *Cujas mãos diabólicas possuíam*
- « *O funesto poder, o poder mágico*
- « *De endoidecer d'amor as mulher's todas,*
- « *Todas l velhas e novas, sem dif'rença,*
- « *A ponto que ele próprio as escondia,*
- « *Para evitar tragédias, se avistava*
- « *Qualquer nobre matrona já caduca . . .*
- « *Esse conde morreu, é certo, ha muito,*
- « *Porém, o venerando manuscrito*
- « *Onde forrageei estas noticias*
- « *Acrescenta — abri bem esses ouvidos,*

« *Que é nisto que está toda a gravidade ! —*  
 « *Acrescenta que a mágica influência*  
 « *Das mãos de Dom Garcia continúa*  
 « *Em todos os varões seus descendentes !*  
 « *Aqui tendes ! E agora com prudência*  
 « *Se quereis evitar um grande escândalo,*  
 « *Imponde sem demora o castelhano,*  
 « *E, antes disso, ordenai ao curandeiro*  
 « *Que não lhe desentrape as mãos p'rigosas*  
 « *Emquanto hóspede fôr dêste palácio ! »*

Com seu alto e risonho cepticismo

Dom Guterre exclamou, de mão na ilharga :

— « *Pois quê ? acreditais nessas patranhas ? »*

— « *Patranhas, não ! »* atalha logo o crúzio,  
 Aprumando-se, grave, na cadeira :

« *O auctor do manuscrito onde li isto*

« *Foi um sério varão, honesto e sábio,*

« *Incapaz de mentir ; e a razão mesmo*

« *Nos observa que o caso, sendo estranho,*

« *Bem pode ter seus visos de verdade.*

- « *Reparai bem : por seu variado aspecto,*
- « *P'la própria côr e pelos movimentos,*
- « *Mãos ha que são fieis espelhos d'almas.*
- « *Ha mãos contentes, como ha mãos bisonhas,*
- « *Mãos frívolas e mãos meditativas,*
- « *Umás ingénuas, outras depravadas.*
- « *Eco e instrumento de paixões diversas,*
- « *É a mão que maldiç e que abençoá,*
- « *É a mão que mata e a mão que acaricia,*
- « *É a mão que sustêm e que despenha ;*
- « *Jubilosa, se dá, triste, se pede,*
- « *Lúbrica, ao afagar desnudo flanco,*
- « *Piedosa, ao abrochar fria mortalha,*
- « *Enérgica, empunhando um gládio heroico,*
- « *Frouxa, embainhando uma vencida espada,*
- « *Receosa, apalpando um filho doente,*
- « *Vilissima, compondo atroç veneno,*
- « *Purissima, enfeitando um altar com flores !*
- « *Vêde que expressão vária as mãos acusam*
- « *Conforme rezam, pálidas, erguidas,*
- « *Ou se torcem, convulsas, com remorsos,*
- « *Ou, estranguladoras, se enclavinham,*
- « *Ou acariciadoras, se aveludam,*
- « *Ou se espalmam, com os dedos distendidos,*

« Numa suprema crise de amargura,  
« Como as da Santa Virgem no Calvário !  
« As mãos falam, irmão, as mãos revelam  
« Tudo quanto cá dentro está escondido,  
« E, quando eloquentes, tanto podem  
« Conduzir-nos ao Céu como ao Inferno ! »

— « Se o que dizeis das mãos é verdadeiro,  
Com ironia atalha o velho alcaide,  
« Bem devo eu esconder estas que vêdes,  
« Não me vão elas chocalhar p'lo mundo  
« O saco de misérias da minh'alma . . . »

— « Por Deus ! senhor irmão, não zombeis d'isto ! »  
Diz Dom Bento. « Oxalá que aqui em breve  
« Não se junte a Desgraça co'a Vergonha !  
« Cumpri o meu dever ! Ride á vontade  
« Já que entendeis que o caso é para risos . . . »

E, furioso, agastado, foi-se embora.

## VII

Assim que o irmão partiu, foi Dom Guterre  
Contar logo ás senhoras quanto ouvira.

Achavam-se elas todas no discreto  
« Quarto da fruta », vasta e fresca sala  
De cujo tétó, roxos e doirados,  
Pendiam grandes, belos cachos d'uvas,  
Futuro mimo de hibernais merendas.  
Fiava Dona Mór ; Beatriz, atenta,  
Bordava ao bastidor um brasão d'armas,  
Na argéntea lhama dum xairrel de gala,  
E Dona Yseu tocava a dobadoira . . .

Ao contrário do que ele supusera,  
A notícia trazida pelo crúzio,

Longe de as fazer rir, deixou nas damas  
Uma funda impressão terrificante.  
Debalde Dom Guterre as excitava,  
Tecendo sobre o caso mil facécias,  
Que da esposa e da filha rudemente  
Os sensíveis ouvidos melindravam,  
Como anedotas vãs, inoportunas,  
Contadas numa câmara mortuária.  
Dona Mór, com o cenho carrancudo,  
Acremente falava da imprudência  
De dar poisada a um desconhecido ;  
A velha Dona Yseu, dissimulando  
Toda a perturbação que lhe ia n'alma,  
Murmurava palavras de esconjuro ;  
E Beatriz, pensando na delícia  
De se ver no mosteiro dos seus sonhos,  
Bem longe das torpezas desta vida,  
Distraída, picava-se co'a agulha  
E no lenço enxugava o dedo em sangue . . .

Desapontado então e acastelando  
Graves e filosóficos juízos  
Sobre a simplicidade das mulheres,

Foi-se o velho d'ali e encaminhou-se  
Para o quarto de Sancho a passos lentos . . .

Era excelente o humor que nesse instante  
Animava o mancebo. Muito embora  
Quatro dias houvessem deslizado  
Sem que ele visse a delicada prima,  
Sem lhe ter escutado a voz ao menos,  
Funda alegria lhe doirava o peito,  
Nascida do palpito inexplicavel,  
Palpito que era quase uma certeza,  
De que veria em breve os seus anseios  
Docemente escutados, de que em breve  
Co'a sua linda noiva ajoelitaria  
Aos pés dum altar em cujo supedaneo  
Dom Bento da Santissima Trindade,  
Resplandecente d'oiro e de diamantes,  
Lhes lançaria, sumptuoso, a benção,  
Ao cristalino repicar dos sinos . . .

Nesses sonhos d'amor se deliciára  
Sancho durante passageiras horas,

E delles viera numa plenitude  
De alegria que, ardente, resumbrava,  
Ao falar com o sogro presuntivo,  
P'la animação dos olhos e dos gestos  
E sobretudo p'la eloquência estranha  
Que fazia faiscar suas palavras.

Resvalára a conversa para a luta  
Ferida em Tóro havia pouco tempo,  
E como o velho desejasse muito  
Notícias ter da épica aventura  
De Duarte d'Almeida, o bravo Sancho,  
Que desse lance fôra testemunha,  
Tudo pintou em pinceladas vivas,  
Pondo viva defronte do fidalgo  
A admiravel figura do alfer's-martir,  
Cheio de heroico ardor, cheio de sangue,  
Segurando com os dentes e com os côtos  
A bandeira da patria lusitana,  
Emquanto as suas pobres mãos cortadas,  
Branças, exangues como lírios doentes,  
Pisadas eram pelos inimigos  
Que de roldão fugiam desvairados.



Enaltecendo a alheia valentia,  
Sancho, inconsciente, enaltecia a sua,  
Tal o calor com que evocava aos gritos  
Os feitos de maior heroicidade.

Ouvindo-lhe a espantosa narrativa  
Em que transparecia, pura e clara,  
A beleza sublime da sua alma  
Ao mesmo tempo ardente e compassiva,  
Mais Dom Guterre achava calumniosa  
A suspeita aventada por Dom Bento,  
E mais se lhe arreigava a doce idêa  
De fazer dêsse nobre cavaleiro  
O noivo-redentor de sua filha.

## VIII

No entanto, as tres senhoras aterradas  
Com o que Dom Guterre lhes dissera,  
Interrompido haviam seus trabalhos  
E cada uma delas, recolhendo  
Á sua própria alcova, procurava  
Na meditação grave e no silêncio  
Qualquer meio eficaz de defender-se  
Das tentações do joven desterrado.

A altiva Dona Mór, em cujos olhos  
Crescera a glacial severidade  
Com que os seus familiares oprimia,  
Era uma dama de altas, intangíveis

Mas frígidas virtudes. Orgulhosa,  
Seu orgulho tolhia na sua alma  
O florejar dos sentimentos meigos.  
De mães e esposas sempre claro espelho,  
Nem uma vez a sofreada estima  
Que votava ao marido afectuoso  
Se abrira num sorriso de ternura ;  
E o invariavel beijo que ela punha  
Na ebúrnea testa da graciosa filha,  
Quando a loira Beatriz ia deitar-se,  
Tinha a dura, metálica frieza  
Dum firmal carregando em branda cera,  
Era como que o sêlo com que á noite  
Invariavelmente chancelava  
Seus direitos de mãe e de senhora.

D'alma e corpo insensível, hibernando  
Em permanente e rígida apatia  
De sentidos, jamais se lhe exaltára  
Um desejo no corpo, um aneio n'alma,  
Jamais se lhe abrasára o frio sangue  
Na visão dum capricho adulterino ;  
E havia então de ser agora, quando

Se acercava a velhice, após tão lisa,  
 Tão serena e tão límpida existência,  
 Que ela, esquecendo tudo, desceria  
 Do inferno os degraus incandescentes,  
 Por duas mãos infames arrastada ?  
 Não ! Não era possível !

— « *No entretanto,* »

Pensava Dona Mór, « *se nenhum medo*  
 « *Tenho dos homens, já não digo o mesmo*  
 « *Das manhas e artificios do Diabo,*  
 « *Que entrando em severissimas clausuras*  
 « *E alcançando recônditos cenóbios,*  
 « *Tanta vez faz ruir da castidade*  
 « *As mais inexpugnaveis fortalezas !*  
 « *E pode alguém ter dúvidas acaso*  
 « *Sobre a origem satânica do torpe*  
 « *Do execravel poder das mãos de Sancho ? »*

Estas razões seguindo, a nobre dama  
 Comsigo mesmo ali determinava  
 Partir co'a filha para a sua quinta  
 De Vinhas Mortas, caso Dom Guterre

Não despedisse em vinte e quatro horas  
O moço dos lascivos sortilégios.

Dona Yseu de Aboim, vetusta dona,  
Se os não tinha, roçava p'los setenta,  
Circunstância cruel que deveria  
Excluí-la dos p'rigos iminentes.  
Mas costumada a ouvir a todo o instante  
( Sem perceber a troça do estribilho )  
Que estava òtimamente conservada,  
Que humilhava as mocinhas mais viçosas,  
Intimamente emfim se convencera  
De que as mãos liberais do bom Destino,  
Dando-lhe uma infinita mocidade,  
A tinham preservado da velhice,  
Tal como haviam feito, noutros tempos,  
Segundo a lenda resa, a Helena, a linda,  
Láctea filha de Tyndaro e de Leda,  
Que aos cem anos ainda possuía  
As graças e a frescura dos dezoito.  
Desde a sua longinqua puberdade  
Sentira grande, decidida quéda  
Para os doces enredos amorosos ;

E mal via um varão, caduco ou moço,  
Logo o desejo lhe assaltava o espírito  
De lançar-se, arrojada, de cabeça,  
Da paixão nos abismos mais profundos.

Finalmente casada com um primo  
Molengão e enfermiço, cujo corpo  
Era um canteiro eterno de leicenços,  
O antegosado e anciado matrimónio  
Foi-lhe uma decepção tristonha, amarga,  
Uma rosa esfolhada ao ser colhida...  
Enviuvou depois... Gentil viuva,  
Em rigoroso dó, ficou á espera  
Que a sábia Providência a desfornasse,  
Trazendo-lhe p'la mão o Cavaleiro,  
Esbelto e namorado, dos seus sonhos,  
O alto Cavaleiro que devia  
Abraçá-la d'amor, atravessando-lhe  
O irrequieto sangue co'as faúlhas  
Dos seus divinos beijos langorosos...  
Porém a Providência nesses tempos  
Já começava a estar um pouco surda...  
Sempre á espera do Eleito da sua alma,

Esqueceu-se a viuva de que os anos  
Iam passando inexoravelmente  
Com asas nos seus pés ; e já dobrado  
O tormentoso cabo dos sessenta,  
Ainda Dona Yseu ia tão lesta  
Atrás do loiro Amor, que muitas vezes  
Dona Mór intervinha asperamente,  
Machucando-lhe os loucos devaneios,  
Que seriam, no povo divulgados,  
O escandaloso escárneo da família.

Assim, nessa africana e longa tarde,  
Emquanto Dona Mór e sua filha,  
Cada uma em seu quarto, vão ideando  
Traças subtis que possam defendê-las,  
Encorajando a feminil tibieza,  
Uma na prece humilde, outra no orgulho,  
A velha Dona Yseu, como um castelo  
Que, em vez de resistir, as portas abre,  
Já se prepara para o sacrifício,  
E querendo, vaidosa, que a derrota  
Não venha surpreendê-la em desalinho,  
Mas com o decôro, sim, de roupas brancas

Proprio de sua illustre jerarquia,  
Dum velho e chapeado arcaz flamengo  
Tira uma anágua de espumosas rendas,  
Uma camisa de aracnídeo lenço,  
Um par de meias, que, na mão premidas,  
Duma noz o volume alcançariam,  
E, completando o seu trajar de vítima,  
Uns agudos chapins, uma radiante,  
Bela touca de felpa d'oiro fiado,  
E uma opa roxa, de veludo brando,  
Com botões sumptuosos de ametista.

Quanto a Beatriz, assim que entrou na alcova,  
Ante uma Virgem se ajoelhou, de prata,  
Ingénua estatueta bizantina  
De cabuxões e esmaltes enfeitada,  
Que, havia muitos anos, a Rainha  
Dona Filipa de Lencastre déra  
Á mãe de Dona Mór.

De mãos erguidas,  
De comoção tremendo e de receio,  
Com tal fervor jâmais Beatriz rezára . . .



Mas enquanto que as preces dessa alminha  
Noutros momentos de tristeza e angustia  
Logravam animar a imagem santa  
Que lhe sorria bem visivelmente  
Com promessas suavíssimas de amparo,  
Desta feita, por mais que a virgem loira  
Suplicasse e gemesse, de joelhos,  
A Mãe de Deus quedava-se indif'rente  
Com a bôca cerrada e os olhos quedos.

Essa figura bela e compassiva  
Que tanta vez par'cera humanizar-se  
Tal como se o metal de que era feita,  
Em nervos, carne e sangue se mudára ;  
Essa figura que, em passados dias,  
Toda animada p'la divina graça,  
Palpitava qual viva creatura,  
Envolvendo a donzela suplicante  
Em doces véos de compaixão celeste ;  
Essa figura, agora, no momento  
Em que Beatriz se via arrebatada  
Num redemoínho de aflicção suprema,

j

Inexpressiva, inerte, cega e muda,  
Era sómente uma preciosa alfaia  
Anquilosada nas severas linhas  
Da sua fria, hierática attitude.

Arremessada do jardim, de súbito,  
Entra pela janela e cai no soalho,  
Junto de Beatriz, candida rosa  
Em cujos róseos tons se acusa o pejo  
Duma virgem no banho surpreendida.

Quem na atirou? De certo foi Dom Sancho  
Que, no desejo de alcançar depressa  
De seus desejos lúbricos o fito,  
Cansado de esperar que o curandeiro  
Lhe desvelasse as mãos irresistiveis,  
E peccadoramente, como aquele  
Que duma ingénua creancinha abusa,  
Fazia d'essa rosa imaculada  
A embaixatriz de seus rogais intuitos.

Ante esse lindo mas perverso ultraje,  
Num ímpeto, Beatriz tomou a rosa  
Para a lançar bem longe, mas vencida  
Pelos lânguidos filtros que exalava,  
Não teve mão em si que a não cheirasse  
Mais de perto, e, ao chegá-la ao pé da bôca,  
Sentiu que uma torrente impetuosa  
De fogo vivo lhe corria as veias,  
E que uma chama lhe crestava os lábios,  
Que entre as macías pétalas acharam,  
Ainda quente e a palpar, um beijo !

Lanceada de escrúpulos, tremendo,  
Enojada de si como se acaso  
Os dois braços violentos a cingissem  
Dum sátiro baboso e cabeludo,  
Então Beatriz caiu desamparada  
Sôbre o seu leitozinho de donzela,  
Co'a impressão de que dentro do seu peito  
Rudemente um moínho velejava  
Dum furacão ás chicotadas doidas !  
Aflitivo garrote de soluços

Duramente apertava-lhe a garganta ;  
Dentro da sua cabecinha loira  
Estoiravam pelouros e bombardas ;  
Rútilas chamas de infernal violência  
Requeimavam, crueis, seus olhos verdes ;  
Até que enfim, com os ímpetos furiosos  
Dum oceano irado rebentando um dique,  
Toda essa dor profunda e lancinante  
Rompeu num grande temporal de lágrimas.  
Chorou ... chorou ... chorou como um menino  
Perdido num pinhal á meia-noite !  
Chorou ... chorou ... chorou ... mas o seu chôro,  
A princípio convulso e desabrido,  
Como se repuxasse fortemente  
Do seu coração trémulo, apertado  
Pela brónzea manopla dum guerreiro,  
A pouco e pouco foi tomando um ritmo  
Velado e manso, de silvestre fonte  
Gotejando em fraguados afofados  
D'avencas verdes e sedosos musgos ;  
A pouco e pouco foi amolecendo  
Aquela cruciantíssima amargura,  
Lançando enfim a extenuada moça  
Numa quase gostosa sonolência ...

Agora, dormitando, parecia-lhe  
Que flutuava sôbre nuvens brandas  
Na mansidão violácea do crepúsculo . . .  
A delicada rosa, que os seus dedos  
Inocentes ainda seguravam,  
De novo a perturbou, embalsamando-a  
Numa onda de vagos amavíos . . .  
Então julgou Beatriz ver no ar suspensas  
Duas fosforescências que desciam  
Sôbre a sua cabeça, lentamente,  
Tomando, lentamente, a estranha fôrma  
De duas mãos singularmente belas . . .  
P'ra ver melhor, Beatriz cerrou os olhos . . .  
E as duas mãos desciam sempre, sempre,  
Cada vez mais distintas e formosas,  
Agitando-se em leves movimentos  
De imploração fremente e apaixonada,  
Como se fossem as dum anjo cego  
Á procura duma alma fugitiva . . .  
Mãos de beleza nunca vista, feitas  
Duma vaga matéria luminosa  
Par'cendo ao mesmo tempo astros e flores,  
Movendo-se num halo de perfumes  
E desenhando nos macios gestos

Promessas, que eram hinos de ventura,  
Súplicas, que eram beijos ajoelhados,  
Bem via Beatriz que mãos tão lindas  
Não as tinha creado o escuro inferno,  
Mas que eram lírios, sim, enraizados  
Num puro coração que Deus enchera  
De transcendentos sonhos de Beleza !  
E as mãos desciam sempre, e já tão perto  
Do rosto estavam da gentil dormente  
Que o bafo dela refluía delas  
Escaldando-lhe as faces pudibundas.  
E as mãos por fim tocaram-na ! em tão doce  
Tão delicada e lânguida carícia,  
Que Beatriz estremeceu ditosa  
E caiu num delíquio, qual se fôra  
Levada ao Paraíso pelos anjos . . .

Mas, repentinamente, abriu-se a porta  
E de candil na mão, eis que Ana Mósca  
Entrou para vestir a sua joia.  
Do seu bem curto sono estrovinhada,  
Semi-tonta, Beatriz desceu do leito,  
E alisando a lã alva do vestido,

Que a pressão do seu corpo amarfanhára,  
Dessa lã lhe par'cia levantar-se,  
Às ligeiras pancadas de seus dedos,  
Uma pulverescência luminosa,  
Talvez a poeira d'ouro do caminho  
Dos amorosos sonhos, onde andára  
E donde agora vinha outra, sentindo  
Dentro dum corpo novo uma alma nova.

E olhou p'ra a Virgem novamente : e a Virgem  
Sorriu-lhe cheia de materna graça,  
Encorajando-lhe a paixão nascente  
E aconselhando-a a ajoelhar submissa  
Aos pés do Amor que, perto, lhe acenava  
Com uma capela de inocentes rosas.

Então Beatriz, chilreando, entreabre um cofre  
E dele tira, já vaidosa e rindo,  
Uma crespina de custosas pérolas,  
Dois anéis resplendentes de diamantes,

De rubis uma dupla gargantilha,  
E pede a Ana o seu vestido verde,  
Feito de tesa lhama em cujo fundo  
Grandes pinhas refulgem d'oiro ardente.

— « *Pentêa-me depressa e põe-me linda !* »  
Diz Beatriz, sentando-se num banco  
De morado veludo recoberto.

E a boa da Ana Mósca, atarantada  
Com aquela mudança repentina,  
Entre os dentes meteu o pente ebúrneo  
E começou a desfazer-lhe as tranças . . .



## IX

Nessa noite, ao entrar na vasta sala  
Onde a opípara ceia fumegava,  
Não se conteve o ilustre Dom Guterre  
Que não soltasse logo uma sonora  
E retumbante exclamação de pasmo,  
Vendo, ao ruivo clarão bruxoleante  
Dos tocheiros chumbados na parede,  
O faustoso trajar das tres senhoras,  
Que ali estavam de pé, hirtas e mudas,  
Numa pompa de boda principesca.  
Todas elas, vestindo-se p'ra a ceia,  
O pensamento tinham posto em Sancho,  
Até a fria Dona Mór ! . . . e todas,  
Não vendo que dess'arte trairíam  
Os seus mais escondidos sentimentos,

E entregando, indefesa, a consciência  
Á implacável fôrça do destino,  
Todas elas se tinham preparado  
Com tão dengues apuros de elegância  
Como se cada uma nessa noite  
Bailar devesse nos salões da côrte.

— « *Mas que é isto, Senhoras? Temos festa?* »  
Dizia Dom Guterre examinando-as :  
« *Virá el-rei cear hoje connosco?* »

E em seguida, mirando-se a si próprio,  
Continuou : — « *Mas eu é que não devo*  
*Ficar nesta pobreza de beguino!*  
*Dae-me uns momentos, que vou pôr depressa*  
*O meu pelote novo, a adaga d'oiro,*  
*E o meu chapéu melhor, o de penacho!* »

Fez menção de sair : mas de repente  
Uma idêa o picou, áspide viva,  
Petrificando-o ali e incendiando

Seus olhos que se encheram de coriscos.  
Da velha Dona Yseu não se admirava ;  
Mas da esposa e da filha ! Quem diria  
Que tão pudendas, tão discretas damas,  
Renegando, insensatas, num momento,  
Todo um passado d'honra e de pureza,  
Logo ao primeiro aceno do Diabo,  
Sem resistencia se lhe entregariam,  
E em vez de erguerem frios baluartes  
Contra os assaltos da lascívia impura,  
Com tal despejo ao seu encontro iriam  
Aliciantes galas ostentando ?

Doido furor lhe requeimava as fontes :  
Dominou-se, porém ; encaminhou-se  
Para a mesa e, chamando a activa serva,  
Que a capricho também se ataviára,  
Friamente lhe disse, d'olhos baixos :  
— « *Chama o senhor Dom Sancho e serve a ceia !* »

Quando Dom Sancho entrou airosamente,  
Envolto num tabardo de veludo,

Todos viram a íntima surpresa  
Com que ele olhava a demudada prima  
Em cujo seio virginal, segura  
Por um broche de pérolas, sorria  
A rosa que o mancebo lhe atirára.

Abancaram á mesa silenciosos . . .  
Ana Mósca servia, e Dom Guterre,  
Mexendo a canja e recalçando os ímpetos  
Que o coração inquieto lhe infernavam,  
Perguntou de repente ao desterrado :  
— « *Com tamanho calôr, que significa*  
*• Esse tabardo preto ?*  
— « *Quiz fazer-vos*  
*« Uma surpresa ! »* diz o moço, erguendo-se ;  
E então, lançando fóra a negra capa :  
— « *Vêde como já estou são e escorreito !*  
E estendeu sôbre a mesa, nuas, brancas,  
As suas belas mãos sem ligaduras !

A tôrre de Babel, p'la vez segunda,  
Parecia ruir naquela sala,

Tal o terror, a confusão e os gritos  
Que a succulenta ceia interromperam.  
Dona Mór com as mãos tapava os olhos ;  
Desmaiando, Beatriz no chão fazia  
Rolar dois cuvilhete de gelêa ;  
Ana Mósca, sem tino, pespegava  
Com um leitão assado no regaço  
Da pobre Dona Yseu, que, vendo o bicho,  
Julgou ver, tão grande era o seu desvaio,  
Um fructo já dos seus novos amores ;  
E Dom Guterre, doido, enfim rendido  
Aos prudentes avisos do irmão crúzio,  
— « *Fujam ! Fujam !* » dizia ás tres senhoras ;  
E ao mesmo tempo, como um Deus irado,  
Cerrando os punhos, espumando, aos urros,  
Dando patadas que eram terremotos,  
Fazia cachoar sôbre Dom Sancho  
Lufadas de praguentos vitupérios :  
— « *Fóra ! Fóra daqui, vil castelhano,*  
« *Que assim pagas a minha caridade,*  
« *Tentando deshonnar tão nobre casa !*  
« *Fóra, vil corruptor !* »

Debalde Sancho

Pedia a explicação dessa tormenta,

Dessa onda de insultos que o afogavam ;  
O velho não no ouvia, e arrebatado  
P'la ira mais fremente, ei-lo que rompe  
A gritar aos criados que se acercam,  
P'lo troar das injúrias atraídos :

— « *Tirae da minha vista sem demora*  
« *Essa imundicie humana ! Vá, depressa !*  
« *Amarrae-o sem dó, ponde-mo fóra !*  
« *Não quero vê-lo mais ! E lá na estrada*  
« *Cortai-lhe as mãos obscenas ! Que ele veja*  
« *Os seus côtos sangrar, por justa pena,*  
« *Como sangrando me pintou há pouco*  
« *Os do alfer's-mártir ! Não lhe ouçais as súplicas !*  
« *Cortai-lhe as mãos ! »*

Então Lourenço Gato,

Porqueiro atarracado, d'ar simplorio,  
Mas como Hércules forte e decidido,  
Cumpre, ajudado pelos companheiros,  
As ordens do senhor, levando Sancho  
Cujos gritos inúteis bréve expiram  
Rija e barbaramente amordaçados.

## X

No pó da estrada, á doce luz da lua,  
Todo enleado de cordas, remordendo  
A estopa que lhe serve de mordaça,  
Debalde o pobre Sancho se contorce,  
Cuidando ver chegar a todo o instante  
O feroz abegão partido á busca  
Do machado que as mãos deve cortar-lhe.

Range o portão da quinta, e dele avança  
Não o servo cruel, mas sim o vulto  
Airoso de Beatriz que, de joelhos,  
Cai desvairadamente ao pé do amante,  
E que ao desabafar-lhe a sêca bôca  
De lágrimas piedosas lh'a refresca . . .

Quer desatar-lhe os nós das rijas cordas,  
Mas os seus dedos são tão delicados  
E aqueles nós tão duros ! Porém, breve,  
O industrioso Amor, que lestamente  
Acode sempre aos que lhe são devotos,  
Ilumina-a : Beatriz abre a escarcela  
Tira um punhado de moédas d'oiro,  
Pelos creados as reparte e diz-lhes :  
— « *Desatai estes nós e retirai-vos !* »

Lourenço, deslumbrado, os nós desata,  
Com a sinistra o oiro abocetando,  
Mas depois cái em si, e então objecta :  
— « *E o que hei-de eu responder quando o meu amo  
« Me perguntar p'las mãos dêste fidalgo ?*

— « *Olha !* » volve Beatriz, auxiliada  
Novamente p'lo Amor, e aurificando  
De novo as mãos do sórdido porqueiro ;  
« *Na fôrca ao pé do rio, hontem á tarde,  
« Um enforcado vi ; vai lá, correndo,  
« Corta-lhe as mãos e, ensopando-as ambas*



« *Dum animal qualquer no sangue quente,*  
« *Leva-as depois ao teu senhor !* »

Lourenço

E os outros serviçaes, contando as moédas,  
Partem, chalrando, em direcção do rio,  
No instante em que o abegão enfim regressa,  
Cantarolando, de machado ao hombro.

— « *E agora foge !* » diz Beatriz a Sancho  
Que as mãos lhe aperta comovidamente :  
« *Tens amigos em Coimbra, que um te esconda,*  
« *E que amanhã vá ter comigo á igreja*  
\* *De Santa Clara, mal desponte o dia.*  
« *Por êle saberás noticias minhas . . .*  
« *Adeus ! Tem fé em mim !* »

Um longo beijo

Docemente casou aquelas almas  
Sob a benção puríssima da lua . . .

Partiu Sancho.

Beatriz, voltando a casa,  
Depois daquela mediação heróica,

Pé ante pé, parou junto da sala,  
Onde seu pobre pai, numa estadela,  
Amarrotado e triste, era o joguete  
De dois contradictórios sentimentos :  
Dum lado, a sua natural bondade,  
Do outro, o seu orgulho vigilante.  
Orgulhoso, parecia-lhe ainda escasso  
O castigo inumano que impuzera,  
Mas, bondoso, acusava-se a si próprio  
De tão duro ter sido e tão severo.  
Umaz vezes rugia, outras chorava . . .  
E Beatriz, a meiga e compassiva,  
Vendo-o sofrer assim, ânsias sentia  
De ir socegá-lo, de contar-lhe tudo,  
De lhe abrir os segredos da sua alma ;  
Mas o receio de que aquela sanha,  
Tudo sabendo, logo se ateasse,  
Acobardou-a, cautelosamente,  
Que um pai é muito, mas bem mais um noivo . .

E uma hora passou . . . até que ao cabo  
Dessa hora secular, inextinguível,

Bárbara estropeada fez ouvir-se :  
Os criados voltavam, tendo á frente  
Lourenço Gato, que nas mãos trazia  
Uma pequena trouxa ensanguentada.

— « *O que trazes aí ?* » grita o fidalgo,  
Mais pálido ficando que um defunto.

— « *Cumpridas são, senhor, as vossas ordens !* »  
Diz o porqueiro.

Dom Guterre, erguendo-se,  
Aperta as mãos convulsas na cabeça,  
Quer falar e não pode, cai redondo  
Na orgulhosa estadela de carvalho,  
Bate fortes punhadas nos joelhos,  
Pucha as guedelhas n'um furor leonino  
E rompe enfim :

— « *O que é que vós fizestes ?*  
« *Pois não vistes, estúpidos ! que eu estava*  
« *Doido, doido de todo, quando há pouco*  
« *Vos disse o que vos disse, delirando ?*  
« *E cortastes-lhe as mãos ? Ah ! miseráveis,*

« *E trazeis-me essas mãos? Ah! por piedade,  
« Não m'as mostreis! Levai-as, escondi-m'as!* »

Nisto soam ao longe tres pancadas  
No portão, ecoando cavamente,  
Como argoladas lúgubres batidas,  
No pavoroso dia do Juizo,  
P'la propria mão de Deus, á bronzea porta  
Do mausoléu dum imperador perverso!

— « *Quem será? Ide ver!* »

Passado um instante,  
Volta um dos servos que a seu amo entrega  
Uma carta selada.

Dom Guterre

Ergue-se lentamente, cambaleando,  
Aproxima-se mais dum dos tocheiros,  
Quebra o lacre que fecha o pergaminho,  
E a meia-voz, sempre a hesitar, soletra  
As seguintes palavras de Dom Bento :  
*Senhor Irmão : Tal pêso estou sentindo  
Sôbre a minha consciéncia atribulada,*

*Que, não podendo ir já, visto que a regra  
Me impede de sair caída a noite,  
Venho por estas letras desdizer-me  
Do que sôbre Dom Sancho vos disse hoje.  
Folheando aquele livro de linhagens  
Que me levára a imaginar Dom Sancho  
Neto do antigo conde Dom Garcia,  
Nele acabo de achar uma apostila  
Donde se vê que o vosso hóspede ilustre  
Nada tem de comum com o mesmo conde.  
Conféssô humildemente o meu engano,  
E em pessoa, amanhã, mal rompa o dia,  
Irei pedir perdão ao nobre moço  
Do agravo que lhe fiz por falsa crença.*

Lívido, amarfanhando o pergaminho  
Numa louca explosão de desespêro,  
Torcendo as mãos, o desvairado velho  
Grita para os atónitos criados :  
— « O que eu fiz ! O que eu fiz a um inocente !  
« Por verdade aceitando uma calúnia,  
« E uma calúnia pueril ! sem mesmo  
« Primeiro o ter interrogado e ouvido,

« *Eis que de raiva num fatal assômo,*  
 « *Num incendiado acesso de loucura,*  
 « *Lhe fiz cortar as mãos, como se o pobre*  
 « *Fosse um vil roçador ou um parricida!*  
 « *Mas que façais ai? Ide buscá-lo!*  
 « *Ide! Correi! Trazei-mo sem demora!*  
 « *E não no magoeis, tende cuidado!*  
 « *Vamos! Trazei-mo já! E tu, Lourenço,*  
 « *Corre a Coimbra, chama quem no cure,*  
 « *Chama um fisico, dois . . . quantos achares! »*

Mas Beatriz, surgindo de repente,  
 Beatriz que tudo ouviu, chorando e rindo,  
 Corre a abraçar seu pai :

— « *Meu Pai, sosséga!*

« *Sancho, o querido Sancho da minh'alma,*  
 « *Nem uma gôta só perdeu de sangue!*  
 « *Mandaste-lhe cortar as mãos, é certo,*  
 « *Mas eu, ouvindo a bárbara sentença,*  
 « *Corri atrás dos servos que o levavam,*  
 « *Salvei-lhe as mãos p'las quaes eu dera as minhas,*  
 « *E para te enganar, disse a Lourenço*

« *Que viesse entregar-te as dum enforcado*  
« *Que eu tinha visto a baloiçar na fôrca !* »

— « *Será verdade, filha, o que me dizes ?*

Pergunta D. Guterre : « *Mas aquelas*

( E aponta para a trouxa ensanguentada )

« *Inda tintas estão de sangue fresco !*

— « *Mas é dum galo !* » diz Lourenço Gato.

E Beatriz prosegue carinhosa :

— « *Enganámos-te Pai ! mas tu perdôas,*

« *Não é verdade ? Foi por bem o engano,*

« *Que tu não eras tu dando tal ordem !* »

— « *Ah ! Deus te pague, filha da minh'alma,*

« *Que, salvando-o, a mim proprio me salvaste,*

« *Porque se êle morresse, eu morreria*

« *Devorado de penas e remorsos !*

« *Mas onde é que êle está ? Quero pedir-lhe*

« De joelhos, sim, filha, de joelhos,  
« Que me perdôe, que esqueça o que lhe disse,  
« Que tenha dó de mim! Quero abraçar-vos,  
« A êle e a ti no mesmo estreito abraço!  
« Mas onde é que êle está? Onde está êle?

— « Não sei, não sei . . . » diz Beatriz córando :  
« Não sei . . . mas amanhã, de manhãzinha,  
« Logo que rompa o sol hei-de trazer-to,  
« Para que tu nos abençoes a ambos ! »

Pae e filha abraçaram-se chorando . . .



## XI

Sancho e Beatriz casaram . . .

Alguns dias

Depois da alegre e sumptuosa boda,  
Por mansa e rósea tarde de setembro,  
Dom Guterre e Dom Bento caminhavam  
Á beira do Mondego, conversando  
Sôbre coisas da sua mocidade,  
Quando entre os salgueirais viram ao longe  
Sancho e Beatriz que iam de braço dado . . .  
E o crúzio exclama :

— « *Como são felizes !*

« *E pensar eu que só por um milagre*

« *É que não destruí tanta ventura !*

« *Eu é que merecia as mãos cortadas !*

- « Não digo as mãos, mas, sim, estas orelhas  
« Que surdas sejam se não cobram tino !  
« Vá lá a gente acreditar naquilo  
« Que o mundo diz ! A voz do mundo é falsa,  
« Não é a voz de Deus ! Dá-nos por tolos  
« Os que menos o são, e por virtuosos,  
« Ladrões capazes de roubar seus filhos !  
« Eu é que tenho sido um bom palerma,  
« Acreditando em tudo o que me dizem . . .  
« Mas agora já sei, ninguém me engana !  
« Do Prior-mór de Santa Cruz, dizia-se,  
« Antes de o escolhermos, que era um sábio  
« E mais que um sábio, um santo ; eis se não quando  
« Nos saí, assim que ao báculo se arrima,  
« Além dum marióla, um grande bruto . . . »

Escurecia . . .

Sempre conversando,  
Os dois irmãos voltavam para casa  
Quando os dois noivos foram ter com êles,  
Rompendo alegres dentre madresilvas ;  
Rio acima singrava um barco á vela ;  
E das Trindades o saudoso toque,

Alagando de unção religiosa  
As ínsuas de nebrina fumegantes,  
Vibrava ali bem perto, em Santa Clara,  
Num cristalino repicar de sinos . . .

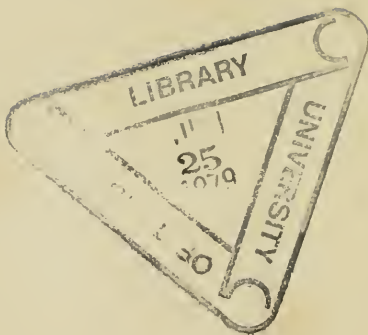
Coimbra. 24-XII-1915.



ACABOU DE SE IMPRIMIR  
ESTE LIVRO AOS DOZE DIAS  
DO MÊS DE AGOSTO DE MIL  
NOVECENTOS E DEZESEIS  
NA TIPOGRAFIA DO EDITOR  
FRANÇA AMADO, SITA Á  
RUA DE FERREIRA BORGES  
NA CIDADE DE COIMBRA:

















PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

PQ  
9261  
C4C3

Castro, Eugenio de  
O cavaleiro das maos  
irresistiveis

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 05 08 02 001 6